

**CATIVAR A MORTE E A MORTE CATIVADA EM “BONJOUR, MADAME LA MORT”  
E EM “SI ON PARLAIT DE LA MORT”**

Rosiane Xypas (UFCG)<sup>1</sup>

**Resumo:** Pode-se falar do tema da morte com crianças pequenas numa sociedade de práticas codificadas negativas, ou seja, que a tem como tabu? E o que fazer quando as crianças começam a interrogar os pais sobre a morte? Este trabalho tem como objetivo analisar as representações da morte em dois livros infantis franceses. Faremos esta análise à luz de teorias da psicanálise do luto (BACQUE e HANUS, 2005; FREUD, 1915;) situando-a na história da morte no Ocidente (ARIËS, 1977) e interpretando-os em função das etapas do luto (KLUBER-ROSS, 1987) numa abordagem psicanalítica.

**Palavras-chave:** Cultura. Literatura infanto-juvenil. Morte. Psicanálise do luto. Representações.

**Résumé :** Peut-on parler de la mort aux enfants dans une société aux pratiques négatives, c'est-à-dire, qui la considère comme un thème tabou? Comment agir lorsque les enfants nous interrogent sur la mort? Cet article se fixe pour objectif d'analyser les représentations de la mort à partir de deux livres français de littérature de jeunesse. Cette analyse sera faite à la lumière de la théorie psychanalytique du deuil (BACQUE et HANUS, 2005; FREUD, 1915). De plus, dans le même cadre, nous allons nous intéresser à l'histoire de la mort en Occident (ARIËS, 1977) en proposant une interprétation en fonction des étapes du deuil (KLUBER-ROSS, 1987).

**Mots-clés :** Littérature de jeunesse. Mort. Représentations. Culture. Psychanalyse du deuil.

## **1 Introdução**

A primeira vez que ouvimos a palavra *cativar* tinha plena significação com a construção da vida e com a da amizade. A segunda vez, ela estava inserida no contexto da morte. Talvez isto nos permita ampliar o sentido do verbo *apprivoiser* se tornando assim parte de nosso acervo lexical e emocional. Partindo desse ponto, no tratamento do tema da morte neste trabalho, perguntamos se se pode falar de temas tabus com crianças? Se sim, como fazê-lo? Afirmamos que a morte é um fenômeno que abraça a vida e como tal, ela não nos deixa indiferentes.

Sabe-se que não é só a literatura, mas várias ciências humanas que a estuda como a Antropologia, a Sociologia, a História e a Psicologia. A História situa os fatos “tais quais” foram numa determinada época; a Psicologia do luto busca entender o ser em dor e sofrimento a fim de ajudá-lo a reconquistar a sua alegria de viver e a Literatura em

---

<sup>1</sup> Professora adjunta de língua e literatura francesa – UFCG.

particular, busca através da linguagem, compreender este mistério da vida narrando sobre o que não compreende e reinventando o que gostaria que fosse.

Na introdução do famoso livro *La psychanalyse des contes de fées* de Bruno Bettelheim - tradução francesa (1976)<sup>2</sup>, não se deve viver apenas o dia-a-dia se quisermos ser conscientes de nossa existência. Ele afirma ainda que “nossa tarefa mais urgente e a mais difícil consiste em dar um sentido à vida” (1976, p.15). Mais adiante escreve: “O mesmo vale para a tarefa de educarmos a criança, ou seja, ensinar-lhe a dar sentido a sua vida”.<sup>3</sup> Ora, dar sentido à vida social, intelectual, moral e até espiritual faz parte da construção psíquica de todo ser humano onde inevitavelmente vida e morte se conjugam na contramão da nossa cultura. Sendo assim, entendemos que a dimensão dada à vida na sociedade moderna influencia bastante na dimensão dada à morte. Mas de onde advém este comportamento? Por que não aceitamos a morte como algo natural que faz parte da vida de todo ser vivo?

Para responder a estas perguntas, construímos um corpus composto de dois livros infantis “*Bonjour, Madame la Mort!*” (Bom dia, Senhora Morte) e “*Si on parlait de la mort*”(Se falássemos da morte) e ele será explorado em dois momentos. No primeiro, situaremos o leitor do tema em questão em uma breve história da morte no Ocidente e em seguida, o tema será analisado segundo as teorias da psicanálise do luto interpretando-os em função de suas etapas. Em um segundo momento, faremos nossa análise nos textos dos livros infantis em seus elementos literários tais como a situação dos personagens situando-os no *tempo, lugar, espaço* segundo Reuter.

A literatura é uma “máquina de sonhos” ou uma “máquina de vida” porque como diz Yves Bonnefoy<sup>4</sup> “tira-se os olhos do livro para saber enxergar a verdadeira vida”. Estudar este tema com a literatura não seria possível se não considerássemos o texto literário como o maior potencial de trabalho existente com a língua sob os signos de silêncio.

## **2 Atitudes do homem ocidental diante da morte: que ligação com a vida?**

Perguntamos em nossa introdução, por que não aceitamos a morte como algo natural que faz parte da vida de todo ser vivo? Buscamos uma primeira resposta, no livro

---

<sup>2</sup> Título original *The uses of enchantement*.

<sup>3</sup> A tradução das citações do livro de Bruno Bettelheim é nossa.

<sup>4</sup> Raloux, Elisabeth, *La littérature et les sciences humaines*, Paris, 2011, p.11.

do historiador Philippe Ariès *L'homme devant la mort 2. La mort ensauvagée*,<sup>5</sup> onde podemos ler que a morte, em sua história, já foi selvagem, bela, edificante. Em *L'homme devant La mort 1. Le temps de gisants*<sup>6</sup> (1977), em seu primeiro capítulo, o autor afirma que a morte era considerada cativada. O autor parte do princípio óbvio que todos nós morremos e aprofunda sua análise com a imagem da morte cativada na Idade Média. Essa época nos parece longínqua, sobretudo nos países onde não houve literatura de Idade Média como o Brasil. Portanto, a literatura da Idade Média abunda na Europa e instiga o autor a relevar interesse no tema da morte daquela época, além do quê Deus estava em toda parte! Ariès interroga a atitude que se tinha diante da morte naquela época e além disso de uma morte *cativada* fazendo um contraponto com a nossa que é moderna, e onde se instala o proibido.

Segundo o historiador, no capítulo intitulado *A morte cativada* (*La mort apprivoisée*), Ariès busca na literatura – *La chanson de Roland* (A Canção de Roland), os romances da Tábua Redonda, os poemas de Tristan de como se morria naquela época. Não se morria de todo jeito. O autor escreve que “a morte era regulada por um ritual de costumes (...). A morte é tida como comum e normal e não como uma traidora, mesmo se ela acontecesse de modo acidental, mesmo se ela provocasse uma forte emoção como sempre acontecia” (1977, p.13). E conclui um pouco mais adiante: “o essencial é que ela sempre dava tempo de advertir” (1977, p.13). E acrescenta que “no cristianismo primitivo, o morto era representado com os braços estendidos (...). Esperava-se a morte deitado. Esta atitude ritual é prescrita pelos litúrgicos do século XIII” (1975, p.21)<sup>7</sup>.

O autor descreve as atitudes da morte na Idade Média com diversos exemplos da literatura francesa daquele tempo. Sabe-se que naquela época, mortos e vivos estavam presentes uns próximos aos outros. Porém, a presença da morte só era “sensível aos que iam morrer. O monge sabia que seu fim estava próximo. Os seus irmãos na fé os visitava como era de costume. No fim do terceiro dia, quando a noite caía, ele deixava seu corpo.” (1977, p.15). Assim, resumimos sobre a morte cativada de Ariès no que segue:

“os sinais mais frequentemente evocados para anunciar a morte próxima na Idade Média eram sinais que chamaríamos hoje, naturais: uma constatação banal, que fazia sentido, fatos comuns e familiares da vida cotidiana. (...) Naquele tempo, ia-se deste mundo para o outro como pessoas práticas e simples *observadores dos sinais* (em itálico no texto original sublinhado pelo próprio autor) e primeiramente sobre eles mesmos. Eles não tinham pressa de morrer, mas quando viam a hora chegar, então sem se adiantar nem se

---

<sup>5</sup> O homem diante da morte. A morte selvagem. (tradução nossa).

<sup>6</sup> O homem diante da morte. 1. O tempo daquele que jaz. (Tradução nossa).

<sup>7</sup> Ensaio sobre a História da Morte no Ocidente – da Idade Média aos nossos dias. (Tradução nossa).

atrasar, no tempo justo como devia ser, eles morriam cristãos. Mas, os não-cristãos morriam também simplesmente.” (1977, p.15-18).

Atualmente, nos parece muito difícil acreditar nisso. O que sabemos é que as atitudes dos homens mudaram diante da morte desde aquele tempo para cá. E no mundo moderno, com a era industrial, a sociedade adota outra atitude para com este fenômeno: a de negação.

Assim, não se pode negar que o sujeito-leitor apreende os sentidos do mundo através da cultura adquirida em língua materna e que esta apreensão se propaga em suas construções de sentidos durante a vida, onde, para nós, a morte teima em estar ausente. Entretanto, quem de nós nunca foi ao enterro de um de nossos entes queridos ou que pelo menos nunca tenha ido ao enterro de algum ente querido ou de um amigo? Enfim, a vida se transforma incessantemente.

Para se compreender a ligação existente naquilo que une vida e morte, vale ressaltar que as crianças em tenra idade já questionam a respeito da morte! Não seria este um simples sinal que se devem ter pais e educadores no âmbito do tratamento a estas questões vitais do ser humano? Além disso, sabemos que quando a morte de um ente querido chega, ela nos faz sofrer intensamente. Como fazer então para tentar compreender a dor que nos abate? Não seria este um comportamento aprendido com a cultura do mundo em que vivemos? Não foi a história na Idade Média que nos ensinou essa dor. Ela já existia. Assim, havia um enfrentamento e um comportamento em relação aos do dia de hoje. Contudo a dor é viva e ela pede alívio. O que fazer se a história não nos satisfaz como resposta.

### **3 A psicanálise do luto, o entendimento do sofrimento da perda e seu liame com a vida.**

Podemos ler em Houaiss (2001, p.1794) que “o luto é sentimento de tristeza profunda por motivo da morte de alguém.” Vale ressaltar que este sentimento envolve o ser enlutado independente do motivo do falecimento do ente querido. O que vai variar é o tempo no processo do luto devido ao apego do objeto de amor perdido. A psicanalista Bacqué (2000, p. 53) nos diz que: “fazer seu luto é uma definição subjetiva que evoca a importância da perda e a necessidade de passar pelo doloroso trabalho interior de desprendimento progressivo do objeto amado”. Encontra-se no ser enlutado, uma necessidade de compreender a dor que o assola por causa da perda. Ao compreender o sofrimento que o atormenta haverá uma retomada de atitude natural da parte do ser enlutado e esta ação da vivência do luto não denota atitude patológica,

pois, segundo Freud (1917, p. 249) "embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais lhe ocorreu, considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico".

O ser humano enlutado poderá encontrar consolo com as teorias da psicanálise do luto que busca incessantemente abranger suas pesquisas fundamentadas, tanto na situação dos parentes que vivem os últimos dias de vida do ente querido, quanto às dos próprios moribundos. Ela busca dar apoio e compreender a dimensão do sofrimento humano no momento da perda.

A morte é um ato solitário e o luto envolve diversas dimensões do ser humano enlutado tocando seus valores emocional, sentimental e afetivo. A dor da perda de um ente querido é o invólucro indesejável onde o luto fica sendo a maneira completa do ser em sofrimento, mas que deve este ultrapassá-lo para encontrar novamente sentido na vida. Segundo Bacqué et Hanus (2005, p.3) “o luto é manifestamente uma das experiências mais dolorosas e mais difíceis da vida. Mas por mais doloroso e longo que seja, ele tem um objetivo essencial: levar a vida adiante.”

A morte faz parte da vida e assim, o luto visa ao soerguimento dos seres que ficam sem o ente amado. Mas se o luto é a “prova mais pesada da vida, um dos protótipos do traumatismo tocando tanto o corpo quanto a alma” (2005, p.3) porque o negligenciamos tanto? Bem verdade que com a perda do ente querido podemos sentir estados diversos de dor e sofrimento, revolta, sensação de impotência, culpabilidade, falta de apetite e tantos outros. Mas, porque não buscar compreender os estados diversos que nos assolam com a perda daquele que amamos! A especialista Elizabeth Klüber-Ross definiu em sete, as etapas do processo do luto no ser humano. Ela fala que a primeira etapa é o *choque* que é a condição para se começar o trabalho do luto. Há também a *negação da realidade*, a *cólera*, a *negociação*. Nesta fase, quem perdeu o ente querido pensa em poder recuperá-lo de alguma forma; a *depressão*, onde a perturbação do sono e até ideias suicidas podem advir; a *aceitação resignada* onde está presente uma das cinco etapas precedentes e por fim, a *decatexia* que é a aceitação serena da perda.<sup>8</sup>

Embora essas etapas possam parecer algo rígido, desejamos ainda esclarecer que elas não se seguem fixamente umas atrás das outras, como se todo ser humano fosse igual e sentisse as perdas de seus entes queridos igualmente. Não. O que se pode afirmar é que a pessoa enlutada passa por várias destas fases demorando ou diminuindo o seu

---

<sup>8</sup> Sobre este tema ver nosso artigo *Processos do luto em poemas líricos de Cecília Meireles*, In Revista Leia Escola, Campina Grande Volume 10, n 1, 2010 – ISSN 1518-7144.

tempo numa ou noutra. Assim, a psicanálise do luto tenta por seu meio de tratamento da dor e do sofrimento humano ajudar na reconquista de continuação na vida daqueles que ficam vivendo com a ausência dos que amam e se foram para sempre.

Se na história a morte só foi cativada na idade Média e hoje ela é negada, se na psicanálise o homem sofre tudo o que tem de sofrer, e a literatura? Vejamos agora, alguns elementos literários e linguísticos que representam a morte nos livros infantis estudados.

#### **4 Elementos literários e linguísticos relevantes do tema em questão e a presença do vocábulo *morte* em « *Bonjour, Madame la Mort* » e « *Si on parlait de la Mort* »**

*Alguns elementos linguísticos para análise dos títulos dos dois livros infantis*

Nossa leitura começa pela análise do título dos livros *Bonjour, Madame la Mort!* e « *Si on parlait de la Mort* ». Quanto ao primeiro título, observamos um ato comunicativo de saudação, o que nos causa estranhamento porque não saudamos a morte em nossa sociedade moderna. Em nossa era, a negamos antes de tudo. Um trabalho possível a partir desse título com os aprendizes iniciantes de francês como língua estrangeira (FLE) é favorecer as inferências sem maiores dificuldades de compreensão linguística do mesmo neste tema que não deixa ninguém indiferente.

No segundo livro, o título nos parece ser mais um convite para falarmos da morte. De modo subjuntivo, as autoras parecem querer que o leitor não se assuste e aceite esse convite quebrando igualmente o paradigma de negação das representações da morte no Ocidente. O professor poderá decidir de estudar sua forma linguística introduzindo seus estudantes numa introdução ao estudo das subordinadas de condição introduzidas pelo pronome *si* na língua francesa.

A nível literário esses dois temas são belíssimos pois de uma maneira suave convida os leitores a ampliar seus horizontes na vida através deste tema instigante.

*A presença do vocábulo morte e sua representação na história Bonjour, Madame la Mort!*

Analisando a presença da palavra *morte* no primeiro texto, encontramos 33 ocorrências nas quais destacamos os contextos de algumas delas:

A história se passa numa fazenda francesa onde uma velhinha que é um pouco surda e que não vê muito bem mora sozinha: “*son mari était mort, il y avait déjà fort longtemps*” (seu marido estava morto, há muitos anos). Só tinha os animais da fazenda como companhia. Apesar disso, ela mesma “**n’avait aucune envie de mourir.**” (não

tinha vontade alguma de morrer). Mas, um dia alguém bate à sua porta e sem saber direito quem é, abre e convida-a para entrar. Como a noite estava muito chuvosa, a velhinha se inquieta por aquela que tinha batido à sua porta e que se tornaria mais tarde sua companheira na fazenda.

Esse primeiro encontro, entre a velhinha e sua nova companheira, a morte, é apresentada pelo autor com trocadilhos onde as palavras **Mort** (morte) é entendida **Aurore** (Aurora), ou seja, um substantivo com um nome próprio, mas foneticamente o som é muito parecido, o que causa comicidade. Em seguida, a frase “**Allez! Il faut mourir!**” (É preciso morrer) dita pela morte é entendida pela velhinha “**Allez ! Il faut courir!**” (É preciso correr).

Numa tentativa frustrada da morte de ser entendida pela velhinha, ela soluça de tanto chorar. A velhinha com piedade começa a tomar conta dela, a lhe tratar a pão de ló. Servi-lhe até um chá quente! Depois a velhinha canta-lhe uma canção de ninar e a morte adormece. A velhinha decidiu tomar muito bem conta da morte. Enfim, a velhinha autoriza a morte sair da cama porque estava mais forte, tinha recuperado bem suas forças: « **La Mort, d’ordinaire si forte, si sûre d’elle, se sentait faible, étonnamment faible. Elle se demandait si elle pourrait retravailler un jour...** » (A morte, ordinariamente tão forte, tão dura, se sentia fraca, espantosamente fraca. Ela até se perguntava se poderia voltar a trabalhar um dia...). A morte duvidara pela primeira vez se ela poderia voltar a trabalhar de novo como antes. Passaram a trabalhar todas duas na fazenda uma ajudando a outra. Até brincadeiras faziam juntas.

Um dia a morte decidiu voltar a trabalhar porque havia muita gente esperando por ela: “**Il y avait dans le monde des tas de gens qui attendaient sa venue!**” A morte lhe disse que deveria partir e elas se tratavam agora por “**tu**” de tão amigas e íntimas que ficaram. Mas a velhinha lhe disse: “**attends, patiente encore un jour, ce soir c’est mon anniversaire. J’ai cent ans tout juste.**” (espera, fica ainda mais um dia, esta noite é meu aniversário. Eu farei cem anos redondos.)

A morte então, sabendo que era o aniversário de cem anos da velhinha, atendeu o pedido da amiga e preparou um bolo maravilhoso para festejar os cem anos com ela. Na verdade, a velhinha tinha-lhe pedido para que ela – a morte – quando fosse embora a levasse também. Após a festa com direito a presente, velas, bolo, bolas, a velhinha chorou de emoção e cansada foi se deitar. A sua amiga – a morte – apagando cada velhinha uma a uma, apagou também a centésima e assim a velhinha morreu numa bela manhã de primavera!

Observamos como o tema é tratado aqui. As autoras criam toda uma cena que convida ao mesmo tempo o leitor a refletir na possibilidade de adotar um comportamento parecido. O modo de como este tema universal é tratado nos faz refletir sobre sua profundidade, sobretudo desta maneira de encará-lo. É a negação total da representação da morte moderna.

#### *A presença do vocábulo morte e a representação na história “Si on parlait de la mort”*

No segundo livro, constatamos 10 ocorrências da palavra *morte*. Ela é definida como o fim da vida como também comparada com a natureza, onde tudo morre para se transformar. Mas ela é também incompreensível, um mistério. Seu mistério aumenta ainda mais, quando se sabe que alguém morreu de repente como os que são jovens. Viver sem a pessoa que amamos ou saber que alguém que amamos vai morrer tudo isso é, no mínimo doloroso.

Ninguém sabe o que se passa após a morte, na literatura parece um fato. No livro estudado, a autora escreveu: “Outros acreditam que há uma parte de nós que não morre nunca: é a alma. Quando se morre o corpo não sente mais nada, não se mexe. Tratamo-lo bem e com respeito, deitamo-lo, depois, o enterramos no cemitério ou há a cremação, isto depende dos costumes culturais e religiosos de cada povo”.

Quando morre alguém que se ama, a família, parentes e amigos se reúnem para melhor viver este momento. Então, o tratamento deste tema chega ao seu auge quando as autoras afirmam que esconder de uma criança a morte de alguém que ele ama e dizer-lhe que ele partiu em viagem, o fará mais, mau que bem. As crianças têm direito à verdade. Às vezes, pensamos que não fizemos tudo o que estava ao nosso alcance pela pessoa que morreu às vezes se pensa que a morte do ente querido foi até de nossa responsabilidade. Esses pensamentos podem nos deixar doentes. É melhor confessá-los a quem amamos.

Evidenciam-se aqui etapas do luto as quais foram apresentadas mais acima neste artigo. Falar da dor e do sofrimento com pessoas que possam nos ajudar a superá-lo é muito importante. Elas nos ajudaram a ultrapassar esse momento difícil em nossas vidas. Temos que ter em mente recuperarmos a nossa alegria de viver mesmo sabendo que aquele que amamos não comunga mais de nossa vida terrena conosco.

## **5 Considerações finais**

A primeira vez que aparece a palavra morte no texto *Bonjour, Madame la Mort!* ela é inserida num contexto cômico porque a velhinha a confunde com o nome feminino

Aurora, o que em língua francesa é bem interessante o jogo fonético: mort-Aurore. Neste livro, as representações da morte estão vinculadas a uma conquista entre a morte personificada que chega de repente na casa da velhinha numa noite fria e chuvosa. A velhinha e a morte vão conquistando uma a outra chegando a um acordo até que a velhinha diz a sua companheira que está pronta para ser levada. Este é um processo para se cativar a morte. Quanto ao texto, *Si on parlait de la mort*, ele começa dando logo a definição da morte como o fim da vida porque traz a ideia de que todos os seres vivos morrem. Esta narrativa infantil traz a seguinte máxima: toda criança tem direito de saber a verdade. Não seria este outro modo de se cativar a morte pela conscientização e naturalização deste fenômeno junto as crianças para que possam se tornar adultos mais conscientes deste fato?

Os dois livros infantis estudados poderão facilitar o processo do luto que é doloroso para todo ser humano, se o leitor atento compreende que entre os personagens centrais da história ocorre uma cumplicidade estonteante, pois um está cativando o outro. Importante ressaltar que podemos contar com a literatura pelo seu trabalho primordial com a linguagem e estudar a morte por ela, pois pode ser um dos meios de construir e reconstruir sentidos na vida pela recriação deste tema profundo e delicado.

Para concluir, podemos dizer que **cativar** a morte é ir na contramão da cultura ocidental a fim de conquistar uma atitude menos agressiva contra nós mesmos vítimas de nossa ignorância sobre este mistério da vida. Assim, a *História da morte no Ocidente* nos direcionou o modo de pensar a morte ontem e hoje; a *psicologia do luto* nos ajuda a compreender e suportar este processo doloroso de perda afirmando que o luto é uma manifestação normal na luta pela sobrevivência dos que ficam e a literatura enfim, abre nossos horizontes enviando-nos novas possibilidades da linguagem fazendo o ser que sofre compreender que dor compartilhada é sentida com menos força porque cria um elo com quem sofre sugerindo pela linguagem literária o “inexplicável”.

## 6 Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *L'homme devant la Mort*, vol. 1, Paris, Editions du Seuil, 1977.

\_\_\_\_\_. *L'homme devant la Mort*, vol. 2, Paris, Editions du Seuil, 1977.

\_\_\_\_\_. *Essais sur L'histoire de la Mort en Occident du Moyen Age à nos jours*, Paris, Éditions du Seuil, 1975.

BACQUE, Marie-Frédérique. *Le Deuil à Vivre*, Paris, Editions Odile Jacob, 2000.

BENAC, Henri. *Guide des Idées Littéraires*, Hachette, 1988.

FOLCO, Philippe Di, *Dictionnaire de la Mort*, Paris, Larousse, 2010.

FREUD, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida cotidiana*, vol. VI, IMAGO, 1969.

\_\_\_\_\_. *Luto e Melancolia*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1917.

HANUS, Michel; BACQUÉ, Marie Frédéric,

HOLLANDA, Lourival. *Sob o Signo do silêncio*, São Paulo, Criação e Crítica 8, Edusp, 1992.

KÜBLER – ROSS, Elizabeth. *La Mort, dernière étape de la croissance*, Paris, Editions du Rocher, 1985.

\_\_\_\_\_, *La Mort, porte de la vie*, Paris, Éditions du Rocher, 1990.

\_\_\_\_\_, *La mort est un nouveau soleil*, Paris, Éditions du Rocher, 1990.

XYPAS, Rosiane, *Processo do luto em poemas líricos de Cecília Meireles*, In Revista da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG - Leia Escola, v. 10, n. 1, 2010, pp. 27 a 42.